

Editorial

Educação matemática e Educação do Campo

Práticas e pesquisas que articulam a Educação Matemática ao que hoje denominamos Educação do Campo, no Brasil, remontam, pelo menos, aos anos 1980 - tempo de encontros entre educadores matemáticos e movimentos sociais, no contexto da redemocratização do país. As dimensões culturais, políticas e sociais da educação escolar, desde aquele período, têm sido crescentemente valorizadas nos encontros, nas ações e nas pesquisas em Educação Matemática. Por outro lado, os sujeitos do campo - movimentos de camponeses ou da agricultura familiar, dos sem-terra, dos atingidos pelas barragens, trabalhadores e trabalhadoras do campo, indígenas e quilombolas - vêm refletindo e dando visibilidade às suas práticas educativas, ao mesmo tempo em que reivindicam o direito a uma educação escolar construída com a participação e sob a perspectiva das comunidades, que considere seus saberes e as especificidades da vida e das relações sociais engendradas no campo e a partir do campo. Os saberes matemáticos constituem uma dimensão importante dessas práticas e projetos.

A publicação das Diretrizes Operacionais de Educação Básica para as Escolas do Campo (Resolução nº 1 da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação), em 2002, na continuidade dos debates que permearam a construção da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9.394 de 1996) e do Plano Nacional de Educação de 2001, marca um avanço importante no reconhecimento da necessidade da constituição de um projeto institucional das escolas do campo. Marca, ainda, um passo importante no embate com as políticas de Educação Rural pautadas pelos interesses do agronegócio, voltadas para a elevação da produtividade no campo, e com políticas curriculares que tomam os habitantes do campo como alvos ou objetos – e não como sujeitos de sua construção. A configuração e instituição das Licenciaturas em Educação do Campo, a partir de 2007, abre uma nova etapa no desenvolvimento desse projeto institucional.

Nesse contexto, novos desafios são postos aos educadores que atuam em diferentes instâncias – nos movimentos sociais, nas escolas do campo, nos espaços de produção de propostas curriculares e de formação de professores. A Educação Matemática é constitutiva das práticas e dos debates produzidos nesses diferentes âmbitos, seja como expressão do desenvolvimento dos projetos locais, a partir da demanda das comunidades ou de projetos institucionais.

A produção acadêmica resultante dessa participação, embora crescente, ainda tem, contudo, pouca visibilidade junto à comunidade de pesquisadores em Educação Matemática. A Educação do Campo não conta com um Grupo de Trabalho na Sociedade Brasileira de Educação Matemática, nem tem se constituído em eixo temático dos eventos da área.

O dossiê publicado neste número da *Rematec – Revista de Matemática, Ensino e Cultura* quer contribuir para o intercâmbio entre aqueles que vêm se dedicando às práticas, reflexões e pesquisas que articulam a Educação Matemática à Educação do Campo, e ao

diálogo com os professores que ensinam Matemática, com os formadores desses professores e com os pesquisadores da área da Educação e, em especial, da Educação Matemática.

Tendo como referência comum os princípios que orientam a Educação do Campo e as contradições que caracterizam os processos pelos quais se busca implementar ou institucionalizar esses princípios, os autores dos artigos que compõem o dossiê nos apresentam, segundo referenciais e pontos de vista variados, diferentes facetas dessa movimentação e de práticas e possibilidades de Educação Matemática nas escolas do campo e na formação de professores.

O artigo intitulado “Professoras de matemática de escolas do campo: três escutas”, de Línlya Sachs, Mirian Maria Andrade e Jader Gustavo de Campos Santos, abre o dossiê. Os autores compartilham conosco as escutas de três professoras de escolas do campo do interior do estado do Paraná. Seguindo os preceitos da História Oral, os autores apresentam as narrativas das professoras acerca de suas práticas nas escolas do campo, sobre essas escolas e sobre ser professor de matemática nessas escolas.

O artigo “Acesso e utilização de recursos no ensino de Matemática por professores de escolas do Campo”, de Carlos Eduardo Ferreira Monteiro, Maria Niedja Pereira Martins, Liliâne Maria Teixeira Lima de Carvalho e Tamires Nogueira de Queiroz, nos transporta para o município de Igarassu, em Pernambuco. Na pesquisa desenvolvida pelos autores, o diálogo com os professores que atuam em 24 escolas do Campo é estabelecido por meio de um questionário, aplicado durante visitas às escolas. O recorte apresentado no artigo enfoca aspectos do acesso e da utilização de recursos por parte desses professores que ensinam Matemática em uma rede municipal e tem entre suas principais referências os escritos da educadora sul-africana Jill Adler.

José Roberto Linhares de Mattos e Josélio Rodrigues Ramos relatam e analisam, no artigo “Práticas de Educação Matemática na Educação do Campo”, uma experiência desenvolvida com estudantes de um Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio, no Câmpus Rural de Marabá do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA), que atende prioritariamente estudantes da área rural do sudeste paraense. Inspirada na Etnomatemática, e realizada no Sistema Agroflorestal do Câmpus, a prática relatada no artigo estabelece um diálogo entre a matemática escolar e práticas de medição utilizadas pelos agricultores da região.

O artigo “Formação de Professores de Matemática na Licenciatura em Educação do Campo: um olhar sobre as pesquisas”, de Aldinete Silvino de Lima e Iranete Maria da Silva Lima, apresenta um panorama das pesquisas relacionadas à temática da formação de professores oferecida pelas Licenciaturas em Educação do Campo. O *corpus* da revisão bibliográfica é identificado a partir dos Encontros Nacionais de Educação Matemática e do Banco de Dissertações e Teses da CAPES. Segundo as autoras, as pesquisas apontam desafios e potencialidades da implantação e funcionamento dos cursos de Licenciatura em Educação do Campo e dão indícios importantes sobre as propostas curriculares de Matemática que são vivenciadas nesses cursos.

A partir de um exame inicial dos Projetos Pedagógicos de Curso e de diálogo com professores formadores dos componentes curriculares voltados à Matemática, Maluza Gonçalves dos Santos e Liane Teresinha Wendling Roos investigam os projetos curriculares dos cursos de Licenciatura em Educação do Campo ofertados em três instituições formadoras

do Rio Grande do Sul. Os resultados parciais da pesquisa em desenvolvimento, apresentados no artigo “Educação do Campo: dialogando com professores formadores da área de Educação Matemática”, apontam que, a partir das relações dialógicas com os demais interlocutores da Educação do Campo, os formadores estão consolidando processos formativos preconizados pela interdisciplinaridade em articulação com o campo.

O artigo “A formação inicial de professores de matemática (en)trava diálogos com especificidades regionais?” de Tarliz Liao apresenta resultados parciais de investigação que enfoca as concepções de professores de escolas do campo acerca dos modos de abordar matemática em sala de aula e suas reverberações nas práticas e metodologias desenvolvidas no contexto sociocultural campesino. Os participantes da pesquisa são professores de matemática, regentes em escolas do campo de uma cidade de zona rural do interior do Rio Grande do Sul, participantes de ação de extensão promovida pelo curso de Licenciatura em Educação do Campo do Câmpus Litoral Norte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

O artigo “Educação do Campo mobile: a formação inicial de professores com o uso de smartphones”, de Mauricio Rosa, relata e analisa uma experiência de uso de smartphones para a discussão de uma situação envolvendo a noção de função, desenvolvida na disciplina de *Matemática para o Ensino de Ciências Naturais* do curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFRGS. Na experiência relatada, a comunicação matemática possibilitou a constituição de um coletivo pensante, viabilizada pelo uso da tecnologia móvel. Para o autor, os smartphones são recursos importantes, pois, dentre outras funções, oferecem canais de comunicação e interação que se processam a qualquer momento e em qualquer lugar e podem se constituir em meio de comunicação e/ou recurso de busca e expressão de informação, interação e produção do conhecimento matemático com a realidade do campo.

O dossiê se encerra com a apresentação de uma pesquisa desenvolvida por professora de escola do campo, junto a grupo de alunos dessa escola. O artigo “Fotografia e Matemática em uma escola do campo: ampliando olhares, construindo saberes” apresenta um recorte da dissertação de Débora de Sales Fontoura da Silva Frantz, produzida sob a orientação de Andréia Dalcin, no Mestrado Profissional em Ensino de Matemática da UFRGS. Na experiência relatada, a produção e o manuseio de fotografias pelos alunos propiciaram a exploração de tópicos da matemática escolar, como a proporcionalidade, e registros do cotidiano dos estudantes, valorizando a cultura local e a integração entre conhecimentos.

Concluindo a apresentação do dossiê, podemos apontar que os artigos tratam, sobretudo, de diálogos: diálogos entre pesquisadores, formadores de professores, professores e estudantes das escolas do Campo. Diálogos por meio dos quais os autores tentam apreender as movimentações em curso na constituição de novas práticas e possibilidades para a Educação do Campo e as contribuições da Educação Matemática para essas movimentações.

Cabe, ainda, um agradecimento aos autores que pronta e gentilmente atenderam ao chamado para esta publicação, divulgando resultados de pesquisa que são, em geral, parciais, mas que ao serem compartilhados potencializam novas investigações e experimentações.

Elisabete Zardo Burigo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS